




JOGO MORTAL

DEGATOERATO



O marinheiro de 28 anos sabia que precisava **escapar dos piratas** e conseguir ajuda para seus **companheiros** **POR BRIAN EADS**

ALARIDO crescente, correria e uma forte pancada na porta da cabine despertaram o capitão Sasongko Samudy. O relógio mostrava 4 horas da manhã. Com um calafrio, Sasongko percebeu que al-

guém tentava forçar a porta. Momentos depois, ela cedeu, e três homens entraram no camarote. Mascarados e vestidos de preto, todos empunhavam armas semelhantes a espadas, os *parangs*, com um metro de comprimento.

Um homem deu com o cabo da arma no rosto de Sasongko, derrubando-o no chão. Enquanto o sangue lhe escorria da cabeça, o capitão percebeu que os assaltantes amarravam suas mãos e seus pés.

“Diga à tripulação que venha para o passadiço”, ordenou o líder em indonésio. “Se a tripulação inteira não se render, mataremos todos!”

Aquele dia de junho de 2005 era o terceiro de uma viagem rotineira de sete dias, de Cingapura a Yangun, Mianmá, e o petroleiro *Nepline Delima*, que pertence a Sasongko, de sete mil toneladas e totalmente carregado, com tripulação de 18 pessoas, deveria estar navegando tranqüilo pelo Estreito de Malaca. Piratas cruzavam essas águas seqüestrando navios e se apoderando das cargas. O comandante indonésio já navegara por essa rota centenas de vezes, e jamais tivera problemas. Sua sorte tinha mudado.

A CAMPAINHA insistente do interfone na parede de sua cabine acordou Mohamed Hamid, o contramestre do navio. “Há uma lancha do nosso lado!”, disse-lhe um marinheiro. “Talvez sejam piratas!”

Mohamed ligou para o passadiço, ninguém respondeu. Teriam os piratas se apoderado do comando? O malaio de 28 anos vestiu seu macacão laranja e se esgueirou pelo corredor a fim de investigar. Enquanto subia as escadas para o convés superior, ouviu a voz do capitão pelo alto-falante.

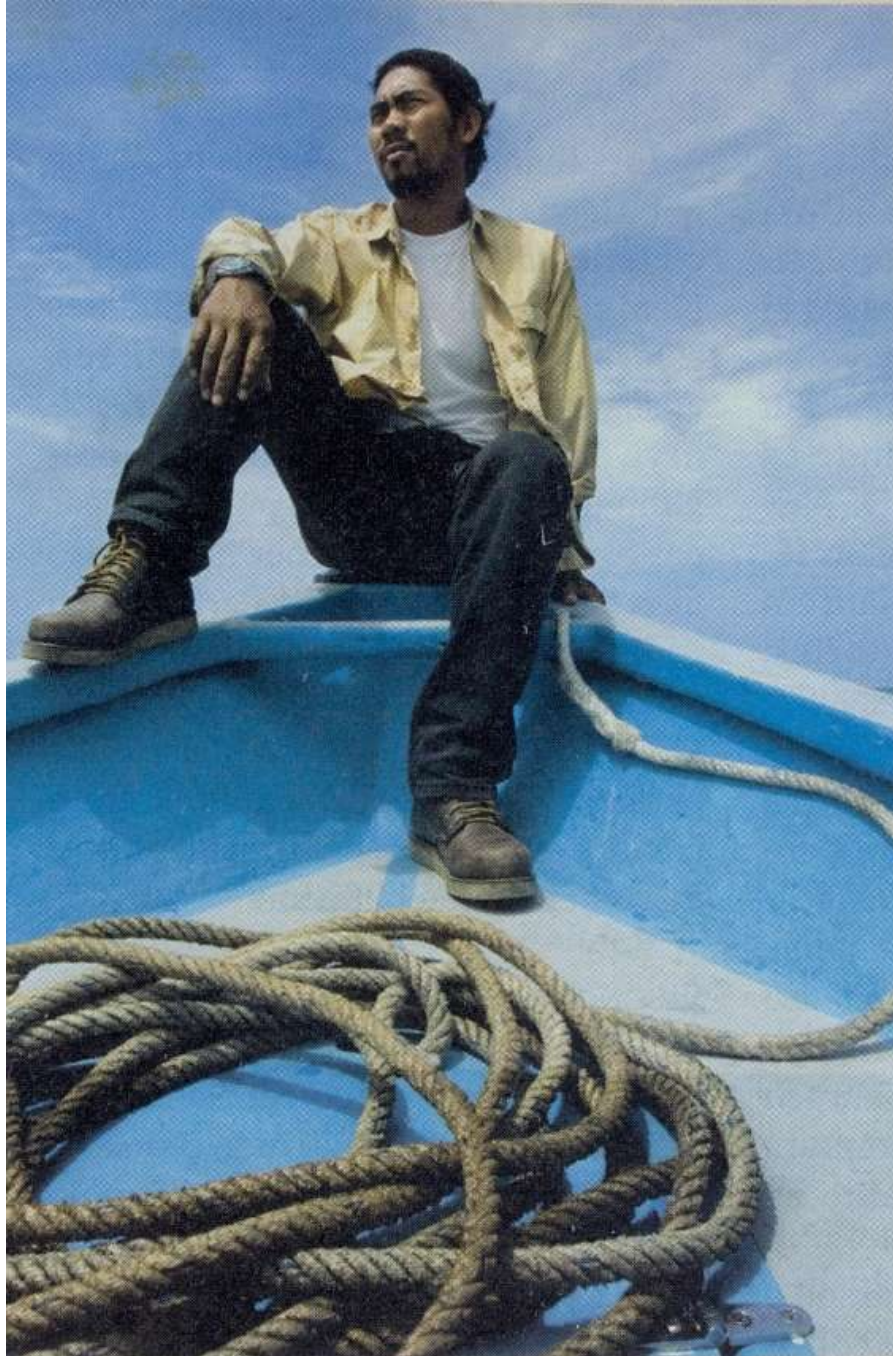
“Acordem! Acordem!”, pedia Sasongko. “Piratas tomaram o navio. Quero que toda a tripulação vá para o passadiço!” Em seguida, Mohamed ouviu o capitão gritar de dor.

Sentiu um arrepio de medo. Mas o malaio era responsável pela tripulação. Muçulmano devoto, apelidado “imã” por ser um líder nato, Mohamed foi para o mar aos 20 anos, a fim de sustentar os pais, agricultores pobres em Kelantan. Levava suas responsabilidades muito a sério. Indo de camarote em camarote, despertou seis homens e os conduziu à sala de controle. “Não temos armas”, disse. “Não importa o que os piratas queiram, dêem a eles!” Pediu aos marinheiros que fossem para o passadiço.

Quando o primeiro passou pela escada do costado e chegou ao passadiço, um homem mascarado o agarrou pelo peito e lhe enfiou o *parang* na garganta. Apavorados, os outros marinheiros fugiram.

Mohamed gelou. O pirata era grande e muito forte. Conseguia ver apenas os olhos do homem, e eram frios e cruéis. *O marinheiro já está morto*, Mohamed pensou. E correu para continuar vivo.

SALTANDO DE UM CONVÉS a outro, Mohamed correu para as partes internas do petroleiro, procurando os companheiros. Por várias vezes, viu de relance os piratas e foi capaz de se esquivar deles no labirinto de corredores e escadas do tombadilho que conhecia tão bem. Mas não conseguia encontrar um único integrante da tripulação.



Fugindo para sobreviver, Mohamed Hamid era o único que poderia salvar a tripulação do petroleiro.

Aturdido, escondeu-se sob a cama de um camarote vazio. Nem bem havia se acomodado, a porta se abriu. Mohamed percebeu que, enquanto estivera à procura dos companheiros, os piratas seguiam em seu encalço. Mantendo-se imóvel, viu um fecho de luz percorrer a cabine enquanto um pirata vasculhava o cômodo. Por um instante, o foco da lanterna atravessou o esconderijo e lhe roçou os joelhos. Depois a porta bateu e Mohamed ficou no escuro novamente.

Mais relaxado, o marinheiro calculou que, se conseguiu escapar dos piratas, talvez outros também o fizessem. Saiu de sob a cama e continuou a busca. Atravessando o convés da popa, avistou um pirata a alguns metros de distância. Mohamed estava certo de que tinha sido visto. Correu pelo convés e caiu na plataforma metros abaixo.

Conferiu o relógio: 5h. Esse frenético jogo de gato e rato já durava quase uma hora. Precisava se esconder, mas era mais fácil falar do que fazer: o convés de 80 metros de comprimento estava iluminado como um estádio de futebol.

Então se lembrou dos dutos. Três oleodutos corriam pela extensão do convés. Cada um dos dutos tinha 30 centímetros de diâmetro, com um espaço em-

baixo e um vão de meio metro entre eles. Rezando para que seu macacão laranja o camuflasse no convés vermelho, Mohamed deslizou para baixo dos dutos.

Ouvia a distância o que pareciam gritos de homens sendo espancados. Se os piratas o pegassem, Mohamed não tinha dúvida de que morreria.

Momentos depois, ouviu passos. Uma voz em indonésio declarou: “Vou matá-lo, Hamid!” Metal tinha contra metal. Então, novamente: “Vou matá-

lo, Hamid!" Mohamed viu o brilho do aço enquanto o pirata desferia um golpe com o *parang* contra o duto, reiterando as ameaças. Perguntou a si mesmo como sabiam seu nome.

Havia três deles. Agora caminhavam por cima dos canos, examinando as partes escuras com lanternas. Os passos e as ameaças se tornavam mais tênues à medida que eles se moviam em direção à proa, depois mais fortes, quando eles refaziam o percurso.

Um fecho de luz percorreu as pernas esticadas de Mohamed por uma fração de segundo. *Estou perdido!*, pensou. Mas o pirata não o viu. Quando a luz da lanterna o alcançou novamente, tirou o relógio do pulso, escondeu-o sob o cano, e se armou de coragem. Podiam pegá-lo, mas não pegariam seu relógio, uma lembrança que comprara no seu primeiro dia de trabalho na companhia, oito anos antes.

Milagrosamente, o pirata passou a centímetros de sua cabeça e continuou andando. Momentos depois, os três subiam a escada, abandonando o convés. Mohamed deu um suspiro de alívio e pensou: *E agora, o que eu faço?*

EMPURRADO com violência até a sala de recreação, quatro deques abaixo do passadiço, o capitão Sasongko sentou-se, curvado, pés e mãos ainda amarrados. Durante meia hora, viu seus homens serem levados à força até a sala. Falavam dois, refletiu Sasongko, inquieto. Mohamed e Saad estariam escondidos ou mortos?

O comandante de 44 anos não sabia que alguns dos dez piratas estavam esquadrinhando o navio à procura deles. Nem sabia que um de seus tripulantes estava de conluio com os criminosos. O segundo-oficial indonésio Feri Rahayu pedira que navegassem mais próximo da costa para que pudesse ligar para sua mulher e receber notícias do filho doente. Mas, na verdade, telefonou para o chefe dos piratas, Lukman Amin, e lhe deu a posição do *Nepline Delima*. Mais tarde, Rahayu lançou uma escada para ajudar os piratas a abordarem o navio, e em seguida identificou os dois marinheiros que faltavam.

SASONGKO SE PERGUNTAVA o que os piratas poderiam querer. Objetos de valor? Dinheiro do cofre? Se fosse o caso, teriam pego aquilo tudo e ido embora. Mais provavelmente, calculou, queriam o próprio navio ou a carga: cerca de 15 milhões de dólares em óleo *diesel*. Mas também poderiam matar todos e incendiar o navio. Esses homens tinham armas, e os ferimentos em sua cabeça provavam que eles eram perigosos. Sasongko decidiu obedecer às ordens e tentar impedir mais derramamento de sangue.

Quando os piratas perceberam que não conseguiriam comandar o navio, Sasongko foi escoltado até o passadiço. Enquanto dois piratas rondavam ameaçadores por trás dele, explicou o funcionamento do piloto automático, do radar, do leme e do rádio para Lukman.

Era enervante. Se fossem frustrados, os piratas podiam se tornar hediondos. Teria sido arriscado lutar ou resistir.

AINDA DE BRUÇOS sob os dutos, Mohamed examinou suas opções. Poderia pular no mar, mas não sem um colete salva-vidas. Usando um colete, ele resistiria dois dias, e nessa movimentada rota marítima talvez um barco o recolhesse. Mas os coletes estavam na proa, na popa e nos deques superiores – todos fora de alcance.

Então, explorando o convés, percebeu uma corda amarrada à amurada do lado oposto. Viu que ela não pertencia ao navio. Se o barco dos piratas estivesse na outra extremidade, ele conseguiria escapar!

Saindo do esconderijo, Mohamed rastejou pelo convés. Um holofote giratório varria o deque, e sempre que chegava perto Mohamed gelava. Após cinco minutos, alcançou a amurada. Havia duas cordas. Uma lancha azul flutuava três metros abaixo. Ele cortou a corda mais grossa e saltou dentro da lancha. Cortou a segunda corda; o cargueiro rapidamente se afastou.

A lancha de sete metros parecia moderna – mas Mohamed entendia de navios, não de lanchas. Na escuridão, bateu o painel de controle, procurando um botão ou uma alavanca. Depois de dez minutos, localizou o interruptor de partida atrás do leme. Surpreendentemente, a chave estava na ignição.

Mohamed deu partida no motor, mas empurrou o acelerador demais e se viu

surfando na total escuridão. Diminuiu um pouco, e o barco se estabilizou. Agora seu dever era fazer soar o alarme e salvar o capitão e a tripulação.

Não havia equipamento de navegação, nem bússola, e o céu estava escuro. Confiando na sorte e no instinto, Mohamed tomou a direção da Malásia, que sabia estar a estibordo. Mas, depois de 30 minutos, o motor morreu: estava sem gasolina. Descobriu, então, alguns galões perto da popa. Encheu o tanque e ligou o motor.

Por fim, depois de quase quatro horas, chegou ao cais da Real Polícia Marítima da Malásia. Em minutos, um Mohamed enxovalhado contava aos oficiais que seu navio fora seqüestrado. “Ainda podemos pegá-los”, pediu. O socorro se pôs rapidamente a caminho.

A polícia marítima alcançou o petroleiro no fim da manhã. Depois de um tenso enfrentamento, o delegado Salam Halim, que liderava a equipe, anunciou: “Se vocês não desistirem, se quiserem vítimas e mortes, invadirei o navio.” Após dez minutos de silêncio, Lukman pediu mais tempo para pensar. Minutos depois, disse: “Não nos maltrate. Estamos nos rendendo.”

Quando o capitão Sasongko entrou no bote da polícia e viu Mohamed, chorou de alegria. Os dois se abraçaram, e Sasongko disse: “Se você não fosse um herói, talvez eu estivesse morto.”

LIÇÃO RÁPIDA DE INFORMÁTICA

Uma impressora é formada por três partes principais: “O corpo, a bandeja com o papel entalado e a luzinha vermelha piscando.”